

ETNOMIRIAPODOLOGIA: OS EMBUÁS SOB O PONTO DE VISTA CULTURAL EM CONTEXTO EDUCATIVO.

David Figueiredo de Almeida

Charles dos Santos Barros

Programa de Pós-graduação em Biodiversidade Tropical (UNIFAP)

davidfigueiredo@david-figueiredo.com

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica das relações prevaletentes no seio de uma sociedade entre o homem, individual ou coletivamente, e a natureza (e também entre outros homens), expressa sua cultura (CABRAL, 1976). A relação específica entre seres humanos e embuás (artrópodes da classe Diplopoda) é objeto de estudo de um ramo da etnozootologia denominado etnomiriapodologia (COSTA-NETO, 2006), o qual recebe, neste trabalho, uma abordagem voltada para o contexto escolar.

Embuás são geralmente classificados na cultura popular como insetos e, por essa, razão, estimulam na maioria das pessoas aversão extrema (COSTA-NETO & PACHECO, 2004), o que poderia levar, por exemplo, a impactos consideráveis em suas populações, causados por atitudes negativas rumo a estes animais, como sua matança descontrolada, o que remete à necessidade de intervenções educativas para solucionar a problemática.

Este trabalho teve por objetivo estudar percepções, relações e conhecimentos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre os embuás. Hipotetizou-se que a existência de mitos e lendas sobre os embuás podem condicionar atitudes negativas em sua direção. Registrando-se tais informações, cria-se a plataforma para as intervenções educativas mencionadas anteriormente, abrindo possibilidades para tratar o tema a partir das perspectivas de diferentes disciplinas escolares, e não somente das ciências naturais, princípio básico do que se chama de interdisciplinaridade. Vincular os conteúdos estudados aos conhecimentos prévios dos alunos é uma das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006).

2 METODOLOGIA

O público-alvo do trabalho é formado por estudantes da Educação de Jovens e Adultos (5ª e 6ª séries) da Escola Estadual Zolito de Jesus Nunes, localizada na zona sul da cidade de Macapá (AP), mais especificamente no bairro do Beírol.

O trabalho foi executado nos meses de maio e junho de 2009 e seguiu o método hipotético-dedutivo, com abordagem quali-quantitativa. A técnica empregada consistiu na aplicação de um questionário anônimo e predominantemente aberto, versando sobre os nomes locais dos animais em foco, hábitat, alimentação, importância, sentimentos humanos, relatos de situações envolvendo estes animais, etc.

Todos os alunos de todas as turmas de Educação de Jovens e Adultos (5ª e 6ª séries) presentes nos momentos de coleta de dados foram pesquisados, totalizando 30 questionários respondidos. Os alunos têm idade entre 14 e 40 anos, sendo 36.7% do sexo masculino e 63.3% do sexo feminino.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além de embuás, foram registradas outras denominações atribuídas pelos alunos a estes animais, como “*ambuás*” “*centopéias*”, “*minhocas*” e “*lagartos*”.

Questionados sobre o hábitat dos embuás, os alunos citaram: terra (33.3%), lugares úmidos (20%), paus velhos (10%), mato (10%), residências (6.6%), água (3%) e outras respostas (23.7%). Para 20%, os embuás são animais predadores, alimentando-se de insetos. Outros alunos acreditam, porém, que têm nutrição baseada em folhas (13.3%), lixo (6.6%), limo (6.6%), pau velho (3%), dentre outros. Segundo Ruppert e Barnes (2005) os embuás são discretos e evitam a luz, sendo encontradas por debaixo de folhas, rochas, cascas de árvores, troncos e solo. Os autores informam ainda que estes animais são herbívoros, alimentando-se principalmente de vegetação em decomposição.

Quanto à preservação, 20% dos alunos acreditam que os embuás deveriam não ser protegidos, mas eliminados, principalmente por acreditarem que eles não possuem qualquer função na natureza, ou pelo simples fato de serem feios e nojentos. Aliás, se observou ainda que os embuás despertam nos estudantes sentimentos como náusea (36.7%), curiosidade (23.3%), medo (16.7%) ou nenhum sentimento (20%).

O conhecimento de que os embuás são venenosos foi observado nos resultados, como mostram as transcrições abaixo:

“No interior falam que os embuás matam um homem com o veneno”
(A., masculino, 15 anos).

“Quando meu sobrinho comeu um embuá ele começou a chorar e a boca dele ficou inchada e assada. Quando nós corremos para ver era um embuá na boca dele” (B., feminino, 26 anos).

Conforme Ruppert e Barnes (2005), um dos mecanismos de defesa desenvolvido pelos embuás inclui glândulas que produzem secreções tóxicas ou repelentes, muitas das quais notadamente cáusticas para a pele humana. Porém, diferentemente de outros miriápodes, como os quilópodes (centopéias), os embuás não são peçonhentos.

A transcrição a seguir expressa um exemplo de atitude negativa aos embuás, o que pode levar a perdas irreparáveis de exemplares desta biodiversidade local. Reações como essas foram também constatadas por Costa-Neto e Pacheco (2004) e Costa-Neto (2006):

“Na minha casa todos os dias meus pais matam os embuás. Eles não sabem para quê estes insetos foram feitos” (C., masculino, 16 anos).

Além do conhecimento de que os embuás liberam toxinas e o fato de serem considerados feios e nojentos, é possível que esta atitude seja também motivada por outras crenças locais. Dos alunos pesquisados, 16.6% relataram a gravidez de mulheres em período menstrual, por embuás.

“No interior uma menina estava menstruada e passou por cima de um embuá e engravidou” (D., feminino, 34 anos).

“Conheço a história de uma mulher que estava com dois meses sem manter relação sexual, mas estava grávida. Quando foi para ela ter o bebê sentiu uma dor como de um bebê normal, mas na realidade eram vários filhinhos de embuá” (E., feminino, 16 anos).

Por outro lado, algumas crenças parecem passíveis de serem encaradas como mais uma razão para a proteção dos embuás, pois, em geral, as pessoas não tenderiam a exterminar aquilo que representa coisas positivas:

“Meu tio falava que este animal traria sorte” (F., masculino, sem idade).

4 CONCLUSÃO

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos pesquisados detêm conhecimentos prévios sobre hábitat e alimentação relativamente coerentes com o conhecimento acadêmico. Julga-se como sendo considerável o quantitativo de alunos que são contra a proteção dos embuás, animais por vezes considerados feios, nojentos e venenosos pelos alunos, o que pode levar ao seu extermínio. Estas informações levantadas podem ser usadas em medidas de Educação Ambiental, pois se considera que o complexo ponto de vista dos alunos é valioso para conservação dos embuás, na medida em que alguns conhecimentos podem condicionar atitudes, e estas, comportamentos rumo a estes seres vivos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/Sef, 1998. 139p.

CABRAL, A.A Arma da Teoria: Unidade e Luta. Lisboa: Seara Nova, 1976.

COSTA-NETO, E. M. C.; PACHECO, J. M. A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. *Acta Scientiarum. Biological Sciences*. 26 (1): 81-90, 2004.

COSTA-NETO, E. M. “Piolho-de-cobra (Arthropoda: Chilopoda: Geophilomorpha) na concepção de moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia, Brasil. *Acta Sci. Biol. Sci.* 28 (2):143-148, 2006.

RUPPERT, E. E.; BARNES, R.D. Zoologia dos invertebrados. São Paulo: Rocca, 2005.